

O (NÃO) LUGAR DO MASCULINO EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

THE (NON) PLACE OF MASCULINE IN TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Roniê Rodrigues da Silva¹¹

George Patrick do Nascimento¹²

RESUMO: O presente trabalho discorre acerca da representação da identidade masculina do protagonista da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, a qual ora se localiza em territorialidades arquetípicas, ora se mostra destoante perante as identificações predeterminadas para o contexto social em que se passa a história. Em nossa leitura crítica, valer-nos-emos do método comparatista para examinar algumas outras ocorrências de representação masculina em personagens que fazem parte da narrativa, a fim de exemplificar as possibilidades duais, condizentes e contrastantes que categorizam as subjetivações do sujeito masculino, a saber: uma identidade hegemônica e uma não hegemônica. Nesse sentido, explana-se sobre a temática genérica de masculinidade e sobre o sistema abstrato que produz e reproduz identidades e papéis sociais para homens e mulheres. Para tanto, utiliza-se dos pressupostos teóricos de pensadores como: Badinter (1993), Nolasco (2001), Oliveira (2004), Albuquerque Júnior (2013) e Deleuze e Guattari (2015), dentre outros escritores que sejam pertinentes para o referido estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Representação; Masculinidade; *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

ABSTRACT: The present paper discusses about the masculine identity representation of the protagonist from the book *Triste fim de Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto, that is located, sometimes, in archetypal territorialities, as well as it is showed, also sometimes, divergent towards the predetermined identifications for the social context where the story occurs. In our critical reading, we will use a comparatist method to examine some other occurrences of masculine representation in characters that belong to the narrative, objectifying to exemplify

¹¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Realiza estágio pós-doutoral (PNPD/CAPES) no programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Professor Doutor Adjunto IV do Programa de Pós-graduação em Letras e do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rodrigopinon2014@gmail.com

¹² Doutorando em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Letras pela Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: geo.patrick@hotmail.com

the dual, compatible and contrasting possibilities that categorizing the subjectivities of masculine subject, such as: a hegemonic and a non-hegemonic identity. In this sense, it is explained about the gender theme of masculinity and about the abstract system that produces and reproduces identities and social papers to men and women. Therefore, theoretical assumptions of authors such as Badinter (1993), Nolasco (2001), Oliveira (2004), Albuquerque Júnior (2013) and Deleuze and Guattari (2015) are used, among other writers who are relevant to this study.

RDS: Identity; Representation; Masculinity; *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

1. INTRODUÇÃO

No atual contexto civilizatório, é perceptível um crescente número de estudos em torno das (des)construções das identificações, quando, posterior ao advento das grandes guerras, as subjetivações têm sido repensadas tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo. As ciências humanas e sociais estão, inclusive, investigando, enfaticamente, o modo como as identidades se constituem, discorrendo a respeito dos critérios a partir dos quais elas se formulam. Esse interesse foi facilitado também por causa do advento da Globalização (HALL, 2015) e mais recentemente pela emergência da internet.

Focada nesse interesse, a crítica Pós-colonial está, do mesmo modo, buscando discutir as identidades outrora marginalizadas. Nesse sentido, as caracterizações que apontam, de alguma forma, para as questões de gênero, corriqueiramente oscilantes entre masculino e feminino, também se constituem como possibilidades de discussão dessas constituições identitárias. É por essa razão que, conseqüentemente, as identidades são definidas, com frequência, pelas “comunidades” em que elas se fundamentam (BAUMAN, 2005). Ou seja, cada identidade está relacionada a um grupo de pessoas, a uma localização geográfica, a um modo de viver cultural. Em outras palavras, há uma manifestação representativa específica de estereótipos idealizados para homens e mulheres no meio social.

Essas exemplificações estigmatizadas recheiam, frequentemente, as obras clássicas da Literatura brasileira. Através dessas evidenciações de

distintas representações masculinas na Literatura, Nolasco (2001) observa que a repercussão das manifestações textuais é, de fato, um meio para se chegar a uma construção do conceito (ou conceitos) de como deve ser idealizado um homem social, visto que, numa relação entre literatura e identidade nacional, esta última acaba sendo representada pela primeira, que ficcionaliza também essa identidade de gênero.

Desta feita, consoante a essas explicações, o presente trabalho, de natureza bibliográfica, se propõe a investigar como ocorre a representação (ou representações) da masculinidade, a partir da análise literária do protagonista da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Nesse sentido, as nossas considerações serão pautadas, enfaticamente, a partir dos pressupostos de Badinter (1993), Nolasco (2001), Oliveira (2004) e Albuquerque Júnior (2013) sobre a questão da masculinidade, bem como de Bauman (2005), Hall (2015) e Deleuze e Guattari (2017) ao discutirem sobre a temática da identidade de uma maneira mais geral. Já Candido (2008) se faz necessário para fundamentar as discussões sobre literatura e sociedade, além de outros autores pertinentes.

2. FEMINIZAÇÃO E MASCULINIZAÇÃO: DO TEÓRICO AO LITERÁRIO

O escritor Lima Barreto, residente no Rio de Janeiro (que era a capital do país na sua época), pelo fato de estar inserido em um contexto sociocultural mais próximo dos valores republicanos surgidos com a Proclamação, forjou personagens masculinos com certas conotações provenientes dos estereótipos socioculturais que emanavam naquela localidade e temporalidade com a qual ele estava familiarizado. Assim sendo, influenciado por esses valores, este autor deixou transparecer em suas produções, mesmo quando se posiciona de forma crítica, um determinado perfil de gênero masculino por meio de seus personagens, de modo que eles fossem o produto resultante, ainda que

indiretamente, do processo social do qual o escritor fazia parte, já que “forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor” (CANDIDO, 2008, p. 35).

As caracterizações do sujeito masculino na obra barretiana, dessa maneira, estavam mais propensas à representação dos conceitos sociais de um homem desvirilizado, uma vez que o contexto histórico do escritor era o da instauração e firmamento da República, que se constituiu, simbolicamente, como uma feminização da sociedade em vários setores da vivência humana, inclusive os culturais, conforme nos informa Albuquerque Júnior (2013, p. 83):

[...] ao tratar da passagem do Império para a República, novamente vai aparecer uma série de metáforas que remetem aos papéis de gênero e, mais uma vez, a imagem que se pretende construir é de um processo de passagem de um período marcado pela simbólica do masculino para um período marcado pela simbólica do feminino. O Império era homem, a República mulher.

Assim, os valores sociais republicanos reelaboravam os conceitos até então pré-estabelecidos para o gênero masculino, quase sempre se opondo aos modelos patriarcais. Se bem que, no que tange respeito ao conceito de masculinidade:

Não bastaria dizer que ela atua nos discursos, ou se constitui como uma estrutura de poder, que integra a economia psíquica dos agentes, ou que é histórica, ideológica, identitária, predispondo comportamentos ao prescrever atitudes especiais em situações distintas, ou que recobre um sistema de valores ou fundamenta certo tipo de estética. Dependendo da perspectiva adotada, sempre seria insuficiente qualquer uma dessas definições. (OLIVEIRA, 2004, p. 14).

Desta feita, não há uma definição prontamente cristalizada do que seria uma masculinidade genuína, uma vez que ela se trata de uma construção social.

O que há, portanto, são certas rotulações socioculturais e, mesmo assim, elas não se constituem como absolutas.

Nesse sentido, será demonstrado, no decorrer dessa discussão, que alguns personagens de Lima Barreto acabam oscilando em mais de um tipo de representação identitária de masculinidade, seja essa identidade hegemônica/tradicional/patriarcal ou não. Constatamos que há mais de um tipo de representação de masculinidade nos estudos de gênero do que simplesmente o binário “patriarcal x não patriarcal”. Contudo, estamos nos pautando unicamente a essa categoria dual de representação, em virtude das discussões desenvolvidas pelos autores que embasam esta pesquisa.

Lembremos que, muitas vezes, o termo “patriarcalismo” tem ganhado uma valoração negativa de conceito, principalmente nos estudos feministas (ZOLIN, 2009). Por conta disso, considerando essa conotação, podemos definir patriarcado, dentre outras possibilidades de sentido, como uma “dominação sistemática feita pelos homens sobre as mulheres em algumas ou todas as esferas e instituições da sociedade” (GIDDENS; SUTTON, 2016, p. 163). Já sobre sociedade patriarcal ou patriarcalismo, podemos entender que se trata de um “termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável” (ZOLIN, 2009, p. 219).

Todavia, apesar dessa conotação para o conceito de patriarcalismo, em virtude da sua recorrente associação com um sistema que impõe valores para homens e mulheres para que eles se adequem a papéis sociais, principalmente em rotulações hierárquicas predeterminadas, sabe-se que não são apenas as mulheres que sofrem injustiças nessa categoria de sistema organizacional. Estudos como os de Badinter (1993) e Nolasco (2001) mostram que os homens também passam por situações em que são vítimas do sistema patriarcal quando

não atingem o padrão esperado de masculinidade hegemônica¹³. Isso nos faz entender que o caminho de construção social da identidade masculina é árduo para os rapazes, uma vez que “homem não nasce homem, ele se torna homem” (BADINTER, 1993, p. 29). Portanto, o patriarcalismo não é apenas um amontoado de benefícios sociais para os indivíduos masculinos durante todas as épocas da história humana, como apontam muitos estudos feministas. (AGUIAR, 2000).

Na verdade, quando estudamos academicamente esse termo, devemos entendê-lo não apenas como um tipo de organização cultural que existiu e ainda persiste, de forma muito expressiva, em muitas civilizações no mundo, mas, sim, que o patriarcalismo também teve inúmeras características distintas em suas diversas ocorrências durante a História da Humanidade. Em outras palavras, “quanto ao patriarcado e o seu lugar na história, observa-se que a diferentes momentos históricos corresponderiam distintas formas de organização patriarcal, sendo este um fenômeno variável” (AGUIAR, 2000, p. 324).

Mas, para este trabalho, vamos considerá-lo como sendo uma organização sistemática que rotula, abstratamente, papéis sociais específicos para homens e mulheres, de modo a desprivilegiar estas (e as suas respectivas categorizações arquetípicas) e privilegiar aqueles (inclusive com os seus estereótipos concomitantes).

Esse patriarcalismo tradicional é sistemático porque nem sempre as pessoas têm a consciência de estarem se comportando ou não com essas tendências patriarcais, uma vez que essa organização social está inculcada, abstratamente, na mente, na vida e nos modos de ser dos indivíduos sociais, inclusive não só na vida dos homens, como também na vida das mulheres. Mas,

¹³ “O conceito de masculinidade hegemônica – referente a práticas masculinas com evidências de múltiplas hierarquias – aponta para a percepção de masculinidades subalternas que, marcadas por um desprestígio na relação com formas mais valorizadas de masculinidade, podem ser observadas nos mais diferentes contextos.” (SIMON, 2016, p. 16).

essa abstração não surge na mentalidade das pessoas por si só. Esse sistema socialmente patriarcalizado, na verdade, é promulgado e mantido por certos processos e instituições facilitadoras, que propagam uma hierarquização de poder, favorecendo unicamente aos sujeitos masculinos, conforme nos esclarece Bourdieu (2016, p. 115-116):

[...] pesquisadores, quase sempre ligados à psicanálise, descobrem, na experiência psíquica de homens e mulheres de hoje, processos, em sua maioria muito profundamente inculcados, que [...] observam-se também claramente nas práticas rituais, realizados pública e coletivamente, e integradas no sistema simbólico de uma sociedade organizada de cima para baixo segundo o princípio do primado da masculinidade.

Assim, certos processos genéricos foram (e ainda são) propagados como uma tentativa de organização da vida em sociedade, como uma orientação para se exercer certos papéis sociais previamente esperados de serem praticados, tanto para homens quanto para mulheres. Em outras palavras, “a sociedade atribui papéis distintos para o homem e a mulher e isso cria os campos de atuação de cada sexo, ou seja, o papel social feminino e o papel social masculino” (NADER, 2002, p. 463).

Dessa maneira, ainda para Bourdieu (2016, p. 119), “o trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”. Inconsciente porque os atores (sujeitos) vão construindo o seu “eu” por meio da interação com as outras pessoas, sem perceberem, muitas vezes, que estão constantemente construindo essas identidades. Essa necessidade de interação com os outros, no processo de construção de uma identidade individual e coletiva, é fortemente favorecida pela confiança básica que os sujeitos exercem uns com os outros quando se sentem pertencentes a um grupo. Mas, essa

confiança também só é possível em virtude do espaço social em que os atores estão situados, bem como da época, ou seja, do tempo em que eles estão inseridos em uma convivência sociocultural para se chegar a uma ideia estereotipada de pertencimento identitário. Contudo, vale ressaltar que:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17-18, grifo do autor).

Portanto, como não há uma solidez, e sim uma liquidez nessas noções de pertencimento identitário, é por isso que essas instituições, mencionadas por Bourdieu (2016), acabam funcionando como esses possíveis espaços de interação e construção de identidades. Além disso, elas desempenharam e ainda desempenham certo poder no estabelecimento e mantimento de estereótipos e arquétipos para a constituição dos sujeitos sociais.

Tanto estereótipo quanto arquétipo são entendidos, recorrentemente, como sendo um tipo de “modelo”, que pode ser seguido ou não. Desta feita:

O termo arquétipo, também chamado de imagem primordial, é usado para designar padrões de comportamento, paradigmas ou ideias que são tomadas como modelos de todas as coisas que existem, dentre as quais poderíamos mencionar um arquétipo de cidade ou de comunidade, como as descritas nos contos maravilhosos. Para se construir enquanto tal, o arquétipo se vale de figuras ou símbolos que representam valores universais e que fazem parte do inconsciente coletivo. (SILVA, 2010, p. 110).

Deste modo, arquétipos são modelos representativos previamente esperados ou imaginados como padrões, não só para pessoas (nos seus modos

de ser, de comportar-se, e outros aspectos mais), como também para a organização de outras coisas, como instituições, simbologias e estruturas diversas, a exemplo de uma cidade, de um prédio, de uma comunidade, e assim por diante.

A partir desses modelos imaginados, a figura do sistema social, representada pelas instituições estruturantes, enclausura, por exemplo, o sujeito masculino em estratificações culturais, determinando que ele faça parte do organismo da sociedade. Mesmo que esse indivíduo ouse fugir dos ditames, o sistema vai sempre tentar regressá-lo aos papéis sociais ou aos rostos de significâncias e subjetividades masculinas previamente produzidos para ele. Essa analogia de rostos e papéis sociais é cabível porque:

Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 36).

Em outros termos, o conceito deleuze-guattariano para rosto está relacionado a uma sujeição do indivíduo ao sistema dominante, uma vez que esses rostos, ou papéis sociais, são imposições comportamentais de um sistema arborescente, denominado pelos filósofos franceses de Máquina Abstrata de Rostidade, que procura apreender o sujeito em uma sujeição unívoca de muro-branco e/ou buraco-negro¹⁴, ou seja, estabelecer uma rotulação estereotipada

¹⁴ O uso metafórico dos termos “muro branco” e “buraco negro”, em uma concepção deleuze-guattariana, serve como uma forma de descrever um sistema organizacional de representação e de imposição de identificações, bem como de captura, de apropriação, de aceitação ou de recusa de possibilidades identitárias para os indivíduos sociais. Em outras palavras, “o muro branco é a tela, o buraco negro é o que te capta e não te deixa andar” (RÍOS, 2002, p. 112).

concomitante entre significante e significado para os indivíduos sociais, portanto, uma imposição de rostos concretos no lugar de rostos individuais:

Os rostos concretos nascem de uma *máquina abstrata de rostidade*, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 37, grifo dos autores).

Assim, o sistema socialmente abstrato funciona de maneira deformável, ao impor papéis sociais previamente estabelecidos tanto para homens quanto para mulheres, negando suas singularidades. De modo que esse sistema age em função de uma biunivocização, ou seja, de uma binarização de rotulações de identidades, que ora estão relacionadas com as próprias categorizações existentes no sistema social, ora estão relacionadas com as escolhas de construção de identidades realizadas pelos agentes. Nesse sentido:

Existem aí dois aspectos: a máquina abstrata de rostidade, tal como é composta por buraco negro-muro branco, funciona de duas maneiras: uma concerne às unidades ou elementos, a outra às escolhas. De acordo com o primeiro aspecto, o buraco negro age como um computador central, Cristo, terceiro olho, que se desloca no muro ou na tela branca como superfície geral de referência. Qualquer que seja o conteúdo que se lhe atribua, a máquina procederá à constituição de uma unidade de rosto, de um rosto elementar em correlação biunívoca com um outro: é um homem *ou* uma mulher, um rico ou um pobre, um adulto ou uma criança, um chefe ou um subalterno, "um *x ou* um *y*". O deslocamento do buraco negro na tela, o percurso do terceiro olho na superfície de referência constitui tanto dicotomias e arborescências como máquinas com quatro olhos que são rostos elementares ligados dois a dois. Rosto de professora e de aluno, de pai e de filho, de operário e de patrão, de policial e de cidadão, de acusado e de juiz [...]: os rostos concretos individuados se produzem e se transformam em torno dessas unidades, dessas combinações de unidades [...]. Introduzimo-nos em um rosto mais do que possuímos um. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 49, grifo dos autores).

Em outros termos, a máquina abstrata de rostidade estabelece, constantemente, possibilidades duais, contrastantes e complementares (portanto biunívocas) que se organizam nas identidades recorrentes para os agentes sociais. De modo que esses sujeitos estão, portanto, previamente encaixados em alguma categorização, como as exemplificadas no excerto acima (homem ou mulher, rico ou pobre, operário ou patrão, etc.). Escolhemos, assim, rostos concretos (identidades estereotipadas) que já foram interpretadas e estabelecidas pela sociedade organizada, em um processo mais irreflexivo do que reflexivo por parte de nós mesmos, conforme nos esclarece os filósofos franceses, ao postularem que os sujeitos adentram nessa organização de rostos com mais facilidade, ao invés de construírem os seus próprios rostos de antemão. Embora que, mesmo que façamos essas escolhas “rebeldes” nos modos de ser, o próprio sistema maquinizado irá também rotular ou tentar organizar essas desvianças de identidades, como possibilidades a serem rejeitadas ou toleradas na vida em sociedade. Assim:

De acordo com o outro aspecto, a máquina abstrata de rostidade assume um papel de resposta seletiva ou de escolha: dado um rosto concreto, a máquina julga se ele passa ou não passa, se vai ou não vai, segundo as unidades de rostos elementares. A correlação binária dessa vez é do tipo "sim-não". [...] A cada instante, a máquina rejeita rostos não-conformes ou com ares suspeitos. Mas somente em certo nível de escolha. Pois será necessário produzir sucessivamente desvios padrão de desviança para tudo aquilo que escapa às correlações biunívocas, e instaurar relações binárias entre o que é aceito em uma primeira escolha e o que não é tolerado em uma segunda, em uma terceira, etc. O muro branco não para de crescer, ao mesmo tempo que o buraco negro funciona várias vezes. [...] A relação binária se estabelece entre o "não" de primeira categoria e um "sim" de categoria seguinte que tanto pode marcar uma tolerância sob certas condições quanto indicar um inimigo que é necessário abater a qualquer preço [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 49-50).

Desta feita, as formas “rebeldes” de se comportar, diante dos padrões de “normalidades” previamente categorizados pelo sistema arborescente da

máquina de rostidade, serão, de forma paulatina, inseridas novamente em alguma categorização identitária a ser criada pela Máquina, de modo a ter uma conotação social negativa ou positiva. Assim, como exemplo, um homem que se feminiza socialmente por não gostar de futebol, por ser emotivo, por gostar de cozinhar, por ter medo de insetos, por não trabalhar, etc. (qualidades não hegemônicas), poderá ser tolerado (de acordo com a máquina abstrata de rostidade que elabora desvios padrões) em certas aceitações identitárias também preestabelecidas para ele, como se ele for um homem heterossexual, possuir um corpo tonificado, e for detentor de muitos bens materiais, etc. (qualidades hegemônicas). Todavia, se ele, mesmo assim, não se encaixar nessas possibilidades aceitáveis pelo sistema, então essas desvios serão combatidas e rejeitadas com muito vigor pela Ordem social.

É nessa linha de pensamento que Badinter (1993) vai elaborar suas discussões sobre o homem “duro” e o homem “mole”, constatando que o homem duro será, simbolicamente, todo tipo de modelo arquetípico que estabeleça um rótulo para o indivíduo do sexo masculino, a saber: como aquele sujeito que detém força física, coragem ou valentia acima do comum, selvageria, poder econômico e intelectual e que se destaque como alguém que exerce algum tipo de dominação sobre as mulheres e outros seres, normalmente não demonstrando sentimentos afetivos, mas um comportamento violento, além de um perfil de liderança, entre outras características socialmente estereotipadas para um homem patriarcalizado. Assim:

Desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa *a mais*, ignorada pelas mulheres. Ele se julga *mais* forte, *mais* inteligente, *mais* corajoso, *mais* responsável, *mais* criativo ou *mais* racional. E este *mais* justifica sua relação hierárquica com as mulheres, ou pelo menos com a sua. (BADINTER, 1993, p. 6, grifo da autora).

Parece que essa coisa “a mais” que os homens têm e que as mulheres não têm partiu de uma premissa sexual, mais precisamente simbolizada pela genitália. Ao que tudo indica, esse mesmo entendimento de Badinter é compartilhado pelo sociólogo Bourdieu, ao comentar que a organização da vida social ou civilizatória está enraizada em certas simbologias sexuais de ordem masculina e feminina:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2016, p. 21, grifo do autor).

Assim, em uma noção exemplificativa, práticas sociais que remetam ao mundo da exterioridade estão mais propensas a serem caracterizadas, genericamente, como práticas a serem desempenhadas pelo gênero masculino, como o trabalho, ou a ação de se locomover pelas ruas, o de ir a bares ou a outros lugares (na verdade, quase sempre o de frequentar todo tipo de ambiente sem discriminação), o de praticar esportes ou outras atividades físicas, o de embrenhar-se em aventuras, o de participar de guerras, o de discursar perante multidões, dentre outras mais. Enquanto que, em sentido oposto, toda prática que remeta a uma interioridade está estereotipada a uma condição do gênero feminino, a exemplo dos cuidados com o lar, da ação de recluser-se aos vãos de uma casa, de ter zelo com coisas e pessoas, e assim por diante.

Por essa razão que, quando homens e mulheres começam a exercer ou transitar por práticas que não estão exatamente relacionadas com os arquétipos sociais esperados, acontece um tipo de embate ideológico de gêneros.

De todo modo, como há essa possibilidade de um homem ser socialmente masculinizado ou socialmente feminizado em estereótipos genéricos, Badinter (1993, p. 147, grifo da autora) vai dizer que “o *homem mole* sucede ao *homem duro* como seu contrário absoluto”. Desta feita, homens que sejam emotivos, que não sejam corajosos, que vivam reclusos em seus lares, que não demonstrem força física ou de qualquer outra ordem, serão considerados como homens “moles”. E é a essa figuração de homem duro e de homem mole que associaremos ao personagem barretiano Policarpo Quaresma, que ora se movimenta ora por linhas de fuga, ora por linhas de estratificação, sendo as linhas de fuga os meios pelos quais se constrói uma identidade conflitante com o sistema dominante, e sendo a estratificação o processo oposto, ou seja, uma reprodução do mesmo. (DELEUZE; GUATTARI, 2017).

3. MASCULINIDADES CONTRASTANTES EM POLICARPO QUARESMA

Na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicada inicialmente em 1911, aparece representado como personagem principal o major que leva nome à obra. Nesse romance de Lima Barreto, conta-se, dentre outras coisas, as desventuras desse funcionário público que se vê incompreendido pela comunidade carioca em que vive, em virtude de possuir ideologias extremamente patrióticas que não condizem prontamente, ou ao menos na mesma proporção, com os interesses das demais pessoas.

Dentre as características que se relacionam à construção identitária do referido protagonista, podemos elencar algumas no propósito de perceber os caracteres de masculinidade que estigmatizam o major Policarpo Quaresma. Ele é descrito, ao longo do texto, como um senhor de idade; um homem até certo ponto respeitado pelas demais pessoas; um sujeito solteiro, que não constituiu família; pouco social; funcionário público; homem alfabetizado, educado e intelectualizado; de corpo esguio e fraco; de estatura baixa; que usa óculos,

fraque e cartola; detentor de algumas economias; possuidor de um título que lhe confere certa superioridade (major); dentre outras descrições.

Apontadas essas características do personagem, fazemos uma ressalva para dizer que certas descrições que se associam a uma construção identitária do gênero masculino podem variar de época para época, de cultura para cultura, de região para região e, até mesmo, de situação para situação, uma vez que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2015, p. 12).

Assim, o perfil de masculinidade de Policarpo Quaresma está propenso de ser percebido de forma mais recorrente durante o período histórico em que se passa ficticiamente a narrativa, bem como na localidade onde ela se desenvolve, a saber: a parte urbana da capital brasileira do final do século XIX, no caso a cidade do Rio de Janeiro, mesmo que, no romance, haja outros espaços em que as ações também ocorram. Todavia, esses espaços não se constituem como maioria expressiva.

Desta feita, a crítica à narrativa barretiana revela que o homem republicano cidadão estava configurado, segundo as postulações de Albuquerque Júnior (2013), como um tipo de homem socialmente feminizado, ou seja, que estava envolvido com práticas de reclusão, dentro de seus lares ou em outros ambientes fechados, que lhe possibilitavam ficar estudando, lendo e escrevendo, do que, simplesmente, engajado com as práticas tradicionais de exteriorização: de contato com outras pessoas, de trabalhos braçais, do esporte físico, enfim, de um estilo de vida mais pragmático e não meramente intelectual.

Ao longo da história, embora cognominado como major, Policarpo não vai sendo caracterizado como um homem aguerrido, nem mesmo com as palavras. Mas, ao contrário, ele se constitui como um homem muito erudito e refinado. O personagem, de fato, vive mais em uma esfera individualista, alimentando os seus sonhos e não o interesse público em geral. Esse isolamento

do protagonista em seu espaço domiciliar é exemplificado na passagem: “Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém [...]” (BARRETO, 2011, p. 59).

Esse tipo de comportamento marcado por um investimento na leitura pode ser considerado como um tipo de masculinização contratípica de Policarpo Quaresma, uma vez que, dentro de um período de instauração e firmamento da República, esse personagem acaba representando um tipo de homem que estava se afastando cada vez mais dos perfis masculinos de épocas passadas, como aponta Sant’Anna (2013), sobre a mutação social da masculinidade com o avanço da urbanização e da República brasileira. Assim:

A virilidade metropolitana não só menosprezou os patuás e as rezas, mas também fabricou recursos diferentes dos hábitos e tradições rurais. A própria exibição do destemor encontrou novos meios de ser garantida publicamente, pois desde o final do século XIX, a imagem de um homem urbanizado, letrado e burguês conquistou um espaço crescente na história do país. [...] Com o gosto pela vida urbana, a honra do macho realizou conjugações com qualidades até então desconhecidas. Por exemplo, na capital carioca do começo do século passado, era *chic* ser *smart* [...]. (SANT’ANNA, 2013, p. 247, grifo da autora).

Por isso que Policarpo Quaresma, representante de um Rio de Janeiro que estava se republicanizando, está propenso a ser um homem intelectualizado, pois era cada vez mais comum homens serem eruditos na capital metropolitana do Brasil República. Comum não, era chique. Não que o protagonista buscasse ascensão social, isso, de fato, não era o seu objetivo de vida, mas é bem verdade que o meio, no qual ele estava, favorecia um perfil de masculinidade letrada, de modo que ele se torna, portanto, uma pessoa voltada para uma prática intelectualizada. A sua vasta biblioteca particular, com livros em diversas línguas, atestava esse envolvimento com as práticas de letramento.

E é por meio desses livros que Policarpo constrói para si uma relação identitária com o mundo das letras.

Esses homens metropolitanos e letrados, durante o firmamento da República brasileira, foram justamente esses indivíduos exacerbadamente intelectualizados e reclusos, bem como cidadãos ou querendo ser cidadãos (caso fosse alguém oriundo da zona rural), com perfis que se aproximavam de uma associação com o feminino. Desse modo, “como uma mulher, o intelectual é visto, nesses discursos, como este ser frágil e atrapalhado com as coisas mais viris, arredo, vivendo dentro de seu escritório, gabinete ou quarto, num mundo mais de imaginação, atrapalhado com a realidade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 58).

Por causa disso, Policarpo acaba sendo um estranho na sociedade em que vive, ou seja, sendo um a-social. Esse contratipo masculino um tanto quanto relacionado à loucura em virtude do exacerbado contato com os livros não é a única possibilidade de identificação para Policarpo Quaresma. Se essa é uma condição do seu espírito, na referida obra ele é também tido como um homem que é corporalmente fraco, no sentido de que não apresenta muito vigor físico. Nota-se isso durante o romance, em uma de suas tentativas de fazer com que as pessoas viessem a gostar da cultura brasileira, quando se propõe a se fantasiar de Tangolomango (uma figura folclórica) para executar uma brincadeira em uma festa infantil, de modo que acaba não se saindo muito bem nessa atividade lúdica, findando na evidenciação de sua falta de força e habilidade:

Por aí, o major avançava, batia com o báculo no assoalho, fazia hu! hu! hu!; as crianças fugiram, afinal ele agarrava uma e levava para dentro. Assim ia executando com grande alegria da sala, quando, pela quinta estrofe, lhe faltou o ar, lhe ficou a vista escura e caiu. Tiraram-lhe a máscara, deram-lhe algumas sacudidelas e Quaresma voltou a si. (BARRETO, 2011, p. 36).

É notório que o protagonista em análise, durante a execução breve de sua atuação enquanto Tangolomango, não ficou simplesmente cansado com o esforço de tal ação lúdica, mas chegou realmente a perder o ar, a perder a vista e, até mesmo, a desmaiar. Portanto, os estereótipos masculinos de força e resistência não são traços presentes na construção da identidade masculina de Policarpo Quaresma que, inclusive, nessa passagem, é despertado do seu desmaio de forma um tanto quanto cômica, por meio de “sacudidelas”, ou seja, como se fosse preciso um grande esforço de outras pessoas para ele voltar a si, o que evidencia, mais uma vez, uma corporeidade que se distancia do arquétipo de masculinidade.

Em outras palavras, Policarpo Quaresma é representado como um homem desvirilizado em um sentido físico/corporal, já que ele tem um corpo magro, fraco, e não muito saudável. Contudo, ele também é desvirilizado no aspecto emocional, já que se constitui, de certa maneira, como um homem frágil no sentido sentimental. Como podemos perceber no seguinte excerto:

Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor cousa [...] e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo o dia, cousas com que a sua alma e o seu coração nada tinham de ver. (BARRETO, 2011, p. 59).

Em outras palavras, Policarpo Quaresma é, de fato, um homem muito sensível emocionalmente. A permanência em ambientes fechados torna ele um homem com estereótipos socialmente feminizados, sem falar que ele é passível de “sofrer profundamente” com qualquer coisa, até mesmo com termos pouco ofensivos. A atitude do personagem perante as menores situações é marcadamente emocional e aparece reforçada pela referência às palavras “alma” e “coração”, justamente por serem rotineiramente relacionadas à

afetuosidade, ao amor, à sensibilidade, etc. Novamente esse aspecto de uma sentimentalidade marcante é, consensualmente, mais recorrente em arquétipos femininos do que masculinos, fazendo, portanto, com que Policarpo Quaresma se configure como um homem “mole”.

Além desse aspecto da reclusão, podemos notar que, neste romance de Lima Barreto, ser um homem intelectual é meio que um sinônimo de ser um contratipo masculino, em virtude de que o apreço que esses personagens barretianos dão ao mundo do letramento, a exemplo de um Policarpo Quaresma ou de um Isaías Caminha¹⁵, faz com que eles se distanciem de certos rótulos patriarcais, demonstrando admiração maior aos textos e ao mundo das palavras do que exatamente aos indivíduos em si. Eles são exemplos do homem moderno, sendo heróis mais individualistas do que coletivos. Ou seja, ao contrário de certos personagens heroicos antigos, como os oriundos dos mitos gregos (Hércules, Ulisses, Teseu, etc.), os personagens barretianos são exemplos de heróis menos arquetípicos, em um sentido de masculinidade hegemônica. É o que nos explica Nolasco (2001, p. 221-222):

Os heróis gregos guardam entre si múltiplas semelhanças que se repetem em diferentes histórias e situações. Elas apontam para uma determinada referência de masculinidade que valoriza a capacidade guerreira, a força espiritual e física, a audácia e sabedoria necessárias para um homem ser pai. Há entre elas uma interligação que vai além das semelhanças individuais. O que eles buscam ou temem, o percurso a seguir conferem a estas histórias um caráter coletivo e comunitário. A representação masculina emerge de uma situação coletiva materializada através de histórias individuais. [...] Já nos mitos modernos, encontraremos heróis com percursos sem uma valiosa inserção coletiva. Eles transitam por uma coletividade que continuamente se fragmenta e desfaz, produzindo percursos intimistas para seus protagonistas. São poucos tonificados, solitários, frágeis e intelectualizados.

¹⁵ Lima Barreto, em seu primeiro romance publicado, intitulado *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), nos apresenta um protagonista que não é caracterizado como sendo forte no físico e que está, familiarmente, envolto com as práticas de letramento, ou seja, com as práticas de ler e escrever, inclusive fazendo disso sua profissão e não meramente uma forma de lazer.

Como explicitado, essa masculinidade, como demonstrada em Policarpo, remete a uma intelectualidade marcante; a uma falta de corpo tonificado; fragilizado no campo das emoções; e até mesmo ao isolamento como uma escolha de vida, fazendo do homem que se identifica com essas descrições um ser individualista e não coletivo. Nesse sentido, é notório que tais características são fortemente encontradas no personagem Policarpo Quaresma, bem como em outros personagens barretianos, como num Isaías Caminha. Desta feita:

Nesse percurso ganham destaque, por exemplo, as figuras de Isaías Caminha e Policarpo Quaresma como figurações do intelectual e de seu campo de ação. Policarpo apresenta-se como a representação do ridículo e da tragédia que é o desencontro entre o ordenado e homogêneo saber livresco sobre o Brasil e a heterogeneidade de sua realidade [...]. Isaías, por outro lado, é apresentado como metáfora do escritor moderno que, se por um lado reconhece o poder da palavra escrita - como pode demonstrar a passagem de Isaías pela imprensa -, se questiona sobre o valor e a função daquilo que escreve [...]. (CHRISTÓFARO SILVA, 2013, p. 26-27).

Nessa leitura, os personagens barretianos, caracterizados como exímios praticantes de letramento, se configuram como sendo heróis não idealizados, e sim problemáticos, escapando, muitas vezes, das rotulações sociais de masculinidade esperadas para eles. Portanto, eles serão considerados homens diferentes, por justamente assumirem identidades destoantes daquela da tradição, uma vez que, o que importa, para esses tipos de personagens, é que haja “a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento” (LUKÁCS, 2007, p. 82). Ou seja, que esse herói problemático negue a realidade estriada em que está inserido e busque concretizar seus ideais de vida por meio de aventuras conflituosas com a ordem social.

Interessante destacar que Policarpo Quaresma possui um título da guarda nacional, conforme já assinalamos, mas que não condiz com o seu histórico profissional, sua formação ou porte físico. De todo modo, ele tinha uma patente alta e era, ao menos durante o início da narrativa, respeitado na sua vizinhança e no seu trabalho, como sendo um homem íntegro, apesar de esquisito. Tanto que, quando ele passa a ser amigo do músico Ricardo Coração dos Outros, as pessoas passam a criticar a sua conduta. Inclusive, uma dessas pessoas que criticam seu envolvimento com o referido cantor de modinhas é a sua própria irmã, de nome Adelaide, aconselhando-o a se afastar do dito violeiro, pois não era socialmente adequado, para aquele contexto, um senhor de idade estar de amizades com um seresteiro.

Além disso, esse respeito atribuído à conduta do personagem Policarpo Quaresma também se dá pela forma como ele vivia e realizava suas atividades rotineiras, ou seja, metodicamente. Suas ações e seu comportamento são tão bem delimitados e ordenados que os seus próprios vizinhos organizavam suas respectivas atividades diárias e domésticas a partir das pontualidades práticas com as quais o major resolvia suas coisas, a exemplo do horário em que ele chegava do trabalho, etc. Nesse sentido:

O Major Quaresma, por ser inteiramente dedicado aos estudos e adepto incondicional do método e do saber científicos, contrasta com o meio que habita pelo seu modo de vida. Seus hábitos obedecem ao rigor metódico próprio dos laboratórios científicos, e tal é a regularidade com que realiza suas tarefas que chega a ser comparado pelos seus vizinhos a um astro, ou a um fenômeno da natureza que acontece com regularidade. (FREIRE, 2012, p. 54).

O respeito que a figura do referido personagem impõe, no início da obra, não advém apenas da observação de sua conduta pelos demais personagens ou de sua organização habitual para com todos os setores de sua vida. Policarpo Quaresma também é um sujeito considerado respeitável para as demais

peças em seu entorno em virtude do seu título, no caso, por ser designado como major. A relevância social adquirida por causa desse título é, neste romance, uma das poucas identificações de masculinidade “dura” que este personagem possui para poder se associar aos estereótipos do macho tradicional. Todavia, não há nenhuma honraria ou mérito na aquisição dessa patente que lhe confere certa superioridade em relação aos demais homens, uma vez que foi de maneira extremamente trivial que o protagonista em questão conseguiu alcançar essa posição:

Quaresma então explicou por que o tratavam por major. Um amigo, influência no Ministério do Interior, lhe tinha metido o nome numa lista de guardas-nacionais, com esse posto. Nunca tendo o pago os emolumentos, viu-se, entretanto, sempre tratado major, e a coisa pegou. A princípio, protestou, mas como teimassem deixou. (BARRETO, 2011, p. 171).

Essa trivialidade ou banalidade na aquisição de títulos militares não está limitada apenas ao referido protagonista. Outros sujeitos nesse mesmo romance também possuem patentes importantes e que, também, foram adquiridas de maneira nada gloriosa, como é o caso do amigo de Policarpo Quaresma, de nome General Albernaz. Este último personagem vai ser importante durante toda a narrativa, aparecendo como um dos melhores amigos de Quaresma. Além disso, o referido general também vai ser configurado como sendo um exemplo de homem mole, por ter, igualmente a Policarpo, um corpo não tonificado, por ser um tanto quanto recluso a ambientes domésticos, trabalhar com serviços burocráticos que exigem quase que exclusivamente práticas de letramento e por não ter se aventurado fisicamente em batalhas, em guerras, ou seja, em combates corpo a corpo. Assim, a sua trivialidade masculina, em aspectos patriarcais, não está somente na aquisição do título militar de general adquirido de forma desprestigiada,

mas, também, nas próprias ações que ele desempenha na sua rotina e nos seus modos de ser, consoante se ler:

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante-de-ordens, assistente, encarregado disso ou daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em general. [...] O altissonante título de general, que lembrava cousas sobre-humanas dos Césares, dos Turennes e dos Gustavos Adolfos, ficava mal naquele homem plácido, medíocre, bonachão, cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar “pistolões” para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar. (BARRETO, 2011, p. 29).

Além do general Albernaz, que é descrito com aparências másculas não condizentes com os estereótipos viris, outro militar do romance que também é caracterizado de forma não valorativa para um perfil masculino guerrilheiro e hegemônico é o próprio marechal Floriano Peixoto, presidente do Brasil. Se em determinado momento da história ele representa a razão e o poder, em contraposição a desrazão de Policarpo, ele é também mencionado como sendo alguém molenga, portanto, um homem “mole”. O mito de “marechal de ferro” que envolvia a estimada figura do referido presidente é desconstruído no momento em que Policarpo encontra-se com ele no Palácio. A partir dessa situação, a obra vai nos mostrar, nas demais aparições do marechal, que ele é caracterizado como sendo um homem preguiçoso no ouvir, preguiçoso no falar, preguiçoso no agir e que, além de tudo isso, é um militar que também não possui um corpo tonificado:

Quaresma pôde então ver melhor a fisionomia do homem [...]. Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande “mosca”; os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortiço,

redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa, de raça; e todo ele era gelatinoso – parecia não ter nervos. (BARRETO, 2011, p. 166).

O marechal, portanto, que deveria representar um homem de liderança e poder, é caracterizado de maneira grotesca para um perfil de masculinidade hegemônica. Tudo nele é caído, mole, flácido e sem força, como se fosse justamente uma analogia da impotência masculina.

Enfim, como visto, os militares, nesse romance, são exemplos de homens que não possuem corpos tonificados, mas, pelo contrário, são homens franzinos e fracos, moles, que não apresentam uma identificação condizente com a instituição militar, já que as profissões armadas “envolvem conceitos como coragem, luta, superação e enfrentamento que trazem forte apelo à masculinidade” (IZECKSOHN, 2013, p. 267). Contudo, vale ressaltar que era do desejo de Policarpo Quaresma se entregar de corpo e alma aos mandos da pátria através do poder do Exército. Entretanto, isso lhe foi negado durante a juventude, como nos informa a obra:

Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a “terra que o viu nascer”. Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar. (BARRETO, 2011, p. 17).

Portanto, Policarpo também não possuía um corpo forte o suficiente para trabalhar nas Forças Armadas, indicando mais uma ocorrência de fraqueza dos personagens barretianos como forma de representar homens não exemplares para o militarismo socialmente tradicional. Policarpo, na verdade, não se encaixa em nenhum dos padrões militares, ou seja, nem o que valoriza o fazer, nem o que privilegia o mandar. Sempre evidenciando que o protagonista

em questão tinha uma atitude de “amar” as coisas do Brasil, ou de ficar “triste” com os problemas que lhe aconteciam. Sentimentos estes que não são incentivados para uma conduta hegemônica do masculino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Policarpo Quaresma é um personagem que, para os leitores menos atentos, pode ser considerado como um sujeito até certo ponto irracional que se encontra em constante embate ideológico perante as demais personagens da narrativa, que, por sua vez, podem ser vistas como racionalmente sãs, mas não em um sentido absoluto.

Todavia, uma leitura mais apurada, nos permite enxergar essa diferenciação masculina e comportamental de Policarpo como uma busca constante de devir, ou seja, de fazer acontecer os seus desejos, os quais se configuram como uma tentativa de enaltecer certas ideologias patrióticas do Brasil, seja por meio da cultura, da história, da literatura, da agricultura, da música e outras qualidades mais deste país. Apesar de o personagem não se sair vitorioso nessas empreitadas.

Essa vontade e tomada de decisões em fazer valer os seus ideais, que, no entendimento do personagem, também deveriam ser compartilhados por seus compatriotas, faz de Policarpo Quaresma um sujeito que constrói sua identidade por meio do rompimento com as normas sociais dominantes para a representação do masculino, mesmo que ele pareça um homem ligado a elas pela pseudopatente de major.

Policarpo se desterritorializa dos preceitos comportamentais de sua comunidade, a qual entendia que ele, por ser um homem de idade, deveria ter uma postura respeitosa e condizente com os padrões sociais esperados para ele. O devir visionário de Policarpo pode ser interpretado, numa acepção filosófica deleuze-guattariana, como uma espécie de linha de fuga empreendida por meio

das histórias que ele encontrara nos livros. Nesse devir, o major acaba produzindo novas subjetividades que se chocam com os preceitos arborescentes ligados ao sistema político e cultural dominante de sua época.

E é isso que ocorre com frequência no romance em questão, pois, a todo tempo, os personagens querem que Policarpo Quaresma se comporte de uma maneira arborescente, ou seja, de uma maneira socialmente arquetípica, seja na esfera familiar, trabalhista, militar ou nos ciclos de amizade, a fim de que ele não fuja das normas predeterminadas para um senhor de idade, para um homem com uma titulação de major e com certo status social, como de fato ele tem. Apesar de que nem os demais personagens (a exemplo do general Albernaz ou do marechal Floriano Peixoto) estejam também em uma territorialidade estriada condizentes com os estereótipos masculinos esperados para eles.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” – Uma história do gênero masculino (1920-1940)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.
- _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.
- CHRISTÓFARO SILVA, João Gonçalves Ferreira. *“Pequenas, grandes, mínimas ideias”*: a construção da imagem do escritor nos diários de Lima Barreto. 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Curso de Pós-

Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 3. São Paulo: 34, 2015.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 1. São Paulo: 34, 2017.

FREIRE, Manoel. O problema da identidade nacional em *Triste fim de Policarpo Quaresma*. *Revista UNIABEU*, v. 5, p. 51-66, maio/ago. 2012.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. *Conceitos essenciais da sociologia*. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Unesp, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013. p. 267-297.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2007.

NADER, Maria Beatriz. A condição masculina na sociedade. *Dimensões – Revista de História da UFES*, Vitória, n. 14, p. 461-480, 2002.

NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RÍOS, Guillermo. A captura da diferença nos espaços escolares: um olhar deleuziano. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 111-122, jul./dez. 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013. p. 245-266.

SILVA, Roniê Rodrigues da. *Cartografias mito-poéticas do imaginário nelidiano: das visões do mundo arcaico ao contemporâneo no romance Fundador*. 2010. 287 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 16, p. 8-28, jun. 2016.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. (revista e ampliada). Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

Recebido em 16/07/2018.

Aceito em 06/10/2018.